

Moinho de sonhos

João Carrascoza

A mulher e o menino iam montados no cavalo; o homem ia ao lado, a pé. Andavam sem rumo havia semanas, até que deram numa aldeia à beira de um rio, onde as oliveiras vicejavam.

Fizeram uma pausa e, como a gente ali era hospitaleira e a oferta de serviço abundante, resolveram ficar. O homem arranjou emprego num moinho próximo à aldeia. A mulher se juntou a outras que colhiam azeitonas em terras ao redor de um castelo. Levou consigo o menino que, no meio do caminho, achou um velho cabo de vassoura e fez dele o seu cavalo. Deu-lhe o nome de Rocinante.

Ao chegar nos olivais, o menino encontrou o filho de outra colhedeira – um garoto que se exibia com um escudo e uma espada de pau.

Os dois se observaram à distância. Cada um se manteve junto à sua mãe, sem saber como se libertar dela. Vigiavam-se. Era preciso coragem para se acercar. Mas meninos são assim: se há abismos, inventam pontes.

De súbito, estavam frente a frente. Puseram-se a conversar, embora um e outro continuassem na sua. Logo esse já sabia o nome daquele: o menino recém-chegado se chamava Alonso; o outro, Sancho. Começaram a se misturar:

– Deixa eu brincar com seu cavalo? – pediu Sancho.

– Só se você me emprestar sua espada – respondeu Alonso.

Amam se entendendo, apesar de assustados com a felicidade da nova companhia. Avançaram na entrega:

– Tá vendo aquele moinho gigante? – apontou Alonso. – Meu pai sozinho é que faz ele girar.

– Seu pai deve ter braços enormes – disse Sancho.

– Tem! Mas nem precisava – respondeu Alonso. – Ele move o moinho com um sopro.

Sancho achou graça. Também tinha uma proeza a contar:

– Tá vendo o castelo ali? – apontou. – Meu pai disse que o dono tem tanta terra, que o céu não dá pra cobrir toda ela.

– E se a gente esticasse o céu como uma lona e cobrisse o que tá faltando? – propôs Alonso.

– Seria legal – disse Sancho. – Mas ia dar um trabalhão. Temos de crescer primeiro.

– Bom, enquanto a gente cresce, vamos pensar num jeito de subir até o céu! – disse Alonso.

– Vamos! – concordou Sancho.

Sentaram-se na relva. O cavalo, a espada e o escudo, entre os dois.

Um sopro de vento passou por eles. Já eram amigos: moviam juntos o mesmo sonho.

56 palavras com dúvidas

João Carrascoza

A flor sabe
que é flor?
A pedra
sabe que
pedra é?
A semente
na terra
se sabe
na terra
semente?
A nuvem sabe
que é nuvem?
O galo
quando grita
ou cisca
o silêncio
sabe que é galo?
E nós?
Quem diz
o que somos
e que não somos
flor, pedra, semente, nuvem, galo?
Quem?

Um extremo

João Carrascoza

Uma noite, durante o mês que passou no programa de escritores residentes no Château de Lavigny, ele se lembrou de umas histórias que vivera e cujos pontos extremos — o início e o fim — eram conectados por uma estranha (ou seria perfeita?) combinatória de fatos. Anotou a sinopse delas num caderno, com o intuito de desenvolvê-las no futuro.

Mas os anos se passaram, outros projetos subiram à sua mesa, e a ideia de escrevê-las ficou à sombra.

Nesse interregno, nas duas vezes em que mudou de residência, o caderno reapareceu em meio a outros objetos. Releu suas anotações e acrescentou a elas outros episódios dos quais havia se esquecido, ou que vivera recentemente. Em ambas as ocasiões, pressentiu que aquelas aparições obedeciam a uma mesma lógica, como se fosse um teste para conferir se ele estava apto a enfrentar a tarefa.

Meses atrás, organizando seus livros nas estantes, ele se deparou novamente com o caderno. Abriu-o, escolheu uma das histórias e a escreveu no mesmo dia. No dia seguinte, outra. E, depois, mais uma. E outra, em seguida. Assim, em três semanas, ele as moveu, todas, do emaranhado de suas lembranças para estas páginas.

Por que um fato jaz tanto tempo na memória, à espera de algo que o desperte e lhe dê uma segunda vida através das palavras?

Ele ignora a resposta, e se há algum ganho em obtê-la. Mas, ao escrever por último este texto de abertura, tem certeza de que se tornou a linha de sutura de dois extremos: a ponta da faca e a ferida que ela abriu.

Costura

João Carrascoza

Um dia, alguém disse a ele, a pele, apesar de suas três camadas, não prima pela profundidade, a pele é rasteira. Ele não concordou, nem discordou, era jovem para se apegar às próprias convicções, mas o comentário ficou preso em sua mente, como o anzol na boca de um peixe.

Havia comprado uma passagem para Madri, seria sua primeira viagem de avião, encontro inaugural com o país de onde emigrara seu avô. Estava ansioso e, talvez por isso, à noite, na véspera do embarque, ao escavar com a faca uma peça de carne grudada no congelador, cortou um dos dedos. Não compreendia como podia jorrar tanto sangue dali – abaixo da pele só havia osso –, enquanto se admirava com o vermelho vivo que ganhava tons de rosa ao se infiltrar no gelo.

Por sorte, a irmã estava na cozinha e arrancou-o daquela imobilidade. Estancou o ferimento com pano de prato e o levou, às pressas, a um pronto-socorro. Atendeu-o um estudante de medicina. Foi um corte fundo, vou dar dois pontos, disse, e acrescentou: daqui a uma semana, volte para retirá-los.

No dia seguinte, ele seguiu para Madri. Levou o endereço de uma tia distante, que vivia em Granada, de quem o avô falava com carinho antes de morrer. Quando se cansou de passear pelos museus, praças e calles da capital espanhola, pegou um trem e foi para a Andaluzia visitá-la.

A tia o recebeu com festa, junto a uma das filhas, que tinha a mesma idade dele. A prima o levou para conhecer a cidade, e não seria exagero dizer que a moça o encantou tanto quanto o Alhambra, com seus jardins, El Generalife, e as casas brancas do bairro de Albaicín, onde o avô dele nascera.

O encanto aumentou (e também a sua desconfiança ante os desígnios da providência) quando ele comentou com a prima que precisava tirar os pontos. Sou estudante de medicina, disse ela, posso tirar os pontos pra você! E assim o fez, ali mesmo, na varanda, depois de pegar uma caixa de primeiros socorros. Dói?, perguntou ela, ao puxar a linha de sutura já esfarelada. Não, ele respondeu, e de fato não doía nada ali; mas era seu último dia em Granada e, num outro ponto de seu ser, ele sentiu uma fisgada, quase uma dor.

Talvez pela inabilidade do estudante de medicina que o costurou, ficou naquele dedo uma cicatriz, nítida, em forma de cruz. E, coincidentemente, uma outra surgiu (quando a prima tirou os pontos), invisível para os outros, mas não para ele.

Dali em diante, sem motivo explicável, uma das cicatrizes às vezes lhe beliscava, repuxando lá do fundo, como se quisesse chamar-lhe a atenção para algum fato, alguma linha (torta) da escrita do universo.

Embora tenha viajado outras vezes para a Espanha, em duas delas inclusive passara por Granada, ele nunca mais viu a prima. Nem trocou com ela uma carta, um telefonema, um e-mail.

Trinta anos depois, recebeu uma mensagem dela pelo Facebook, informando que vinha ao Brasil, a passeio, e gostaria de vê-lo.

Jantaram juntos e celebraram o reencontro. Pelo efeito do álcool, ou pela verdade da hora, estavam ambos felizes e gratos com a vida e os filhos que tinham (ele, um menino – ela, duas meninas). Fizeram um último brinde. E aí ele sentiu, inesperadamente, um repuxão no dedo.

Mostrou à prima a cicatriz e a lembrou dos pontos que ela havia retirado. Tinha tudo tão vivo na memória, o sangue vermelho se tornando rosa no gelo. Naquele instante, os jardins do Generalife eram tão verdes como os olhos dele. Mas, embora se recordasse do fato, ela não o registrara na camada mais funda, como se dera com ele. E eu fiz um bom trabalho?, a prima perguntou. Ele respondeu: sim, fez! E acariciou a pele em relevo, onde a cruz latejava.